

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

GUSTAVO MICHEL LOPES SOBRINHO

**OS DESAFIOS DO ENVELHECIMENTO: A REALIDADE
PRECISA SER PLANEJADA**

VIÇOSA – MG

2023

GUSTAVO MICHEL LOPES SOBRINHO

**OS DESAFIOS DO ENVELHECIMENTO: A REALIDADE
PRECISA SER PLANEJADA**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientação: Prof. Ricardo Duarte da Silva

VIÇOSA - MG

2023

AGRADECIMENTOS

Em março de 2014, deixei para trás a casa onde cresci, na zona rural de Canaã, cidadezinha do interior de Minas Gerais, para cursar jornalismo na federal de Viçosa. Começava ali, o início de um sonho: ser jornalista. Aqui, chega ao fim essa longa, difícil e saborosa jornada de vida universitária. Ficam as lembranças e algumas amizades; nessa nova jornada que se inicia, continuar alçando novos caminhos.

Sempre ouvi que não se caminha sozinho, sendo sempre necessário o apoio de pessoas, que estão por nós. Nossos guias, nossos alicerces, nossas luzes e, também aqueles que estão para nos colocar de volta em órbita e dar belos e necessários “puxões de orelha”. Em muitos momentos, desistir era a única saída, não restando mais opções, a não ser deixar de lado sonhos de adolescência, como neste caso, ser jornalista.

Uma frase que sempre ouvi, e ecoa nos meus pensamentos é de que “*Se Deus colocou nas suas mãos é porque você dá conta*”. Esse conselho, essa motivação sempre me era dito por Carla, técnica administrativa do Departamento de Comunicação da UFV. E com essa frase e certo cuidado, chego aqui.

Agradeço a minha mãe, minhas irmãs e meu *paidrasto* por fazerem parte da minha vida, vocês são especiais. Aos amigos, irmãos de coração, pessoas especiais, *gratiliz* pela presença, convivência e afetos.

Ao professor Ernane Rabelo, tenho grande admiração e gratidão por ter me dado a primeira oportunidade no departamento, ao ser seu monitor e, logo depois, poder ser bolsista no Museu da Comunicação. Aquela casinha na Vila Gianetti, da UFV, representa muito. Foi através do Museu, que pude de certa forma, ter amadurecimento e aprender a vencer a timidez e conseguir me abrir para o mundo. O DCM, aos seus professores e servidores todo meu carinho e respeito, pois mesmo tratando com adultos, todos sempre se mostraram cuidadosos, atenciosos e carinhosos com a particularidade e vivência de cada discente.

À Rádio Montanhesa, foi uma casa por onde passei alguns meses, sendo estagiário de jornalismo, podendo realizar um de meus grandes sonhos, de trabalhar em uma emissora de rádio. Cabe aqui lembrar, que minha primeira experiência em rádio devo ao finado JB, radialista da extinta Rádio Líder Ervália, hoje Rádio Montanhesa Ervália. Em seu programa, tive meu primeiro contato com o rádio, onde tinha a responsabilidade de ler as cartas enviadas pelos ouvintes. Já durante a graduação, como estagiário, estive à frente da produção jornalística da Rádio Montanhesa, ainda nas ondas do AM, podendo viver sua transição para o FM. Russo, Bruno, Solange, Wagner, Claudinho, Valentim, Fernanda e Marilene e tantos

outros, meu muito obrigado pela convivência e aprendizado.

Ao Lar dos Velinhos toda minha gratidão e carinho. Sheila, Cacau e Rainy meu muito obrigado e em nome destes, agradeço a todos que fazem parte desta importante instituição. Local onde pude conhecer, ser amigo, ser família e receber o carinho de diversos idosos. Meus idosos, que já partiram e descansam em paz e, aos que estão vivos e cheios de vida naquela casa, que é também minha casa; vocês são especiais. E a vocês, todo meu agradecimento.

Por natureza somos seres sociáveis e brinco que somos emocionalmente dependentes. Por isso, o *Precious* existe, somos lindos. Aos especiais Adalberto, Luiz, David, Thais, Mirian, Luana, Kelly, Letícia, Augusto, o *1711* e tantos outros, vocês são adoráveis.

A Universidade Federal de Viçosa, ao DCM e ao meu orientador, professor Ricardo, na pessoa da qual cumprimento todos os professores. Agradeço pela oportunidade de realização de um sonho e de poder me tornar uma pessoa madura, na busca de cada vez ser melhor. A banca avaliadora, meu agradecimento por aceitarem esse desafio e confiança.

Desde quando nascemos, iniciamos o nosso processo de envelhecimento e nossa velhice é resultado dos acessos, da falta de acessos, das nossas escolhas e das escolhas da sociedade a qual pertencemos. Envelhecer significa transpor barreiras e ser curso natural da nossa vida neste plano. Lutemos para que possamos ser velinhos, para que o envelhecimento seja um direito de todos, com dignidade, reconhecimento e oportunidades.

RESUMO

O livro-reportagem *Os Desafios do Envelhecimento: A Realidade Precisa Ser Planejada* é um projeto experimental produzido como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O produto trabalha a questão do envelhecimento da população, seus desafios e o preconceito enraizado contra a velhice, preconceito este, que sutilmente acontece e é um mal contra a sociedade. O presente trabalho traz ainda, a questão do abandono da nossa velhice, a realidades das instituições de longa permanência para idosos, antigamente conhecidos como asilos e quais são os desafios para que se tenha um envelhecimento digno, verdadeiro e que a velhice possa ser respeitada.

Palavras-chave: Envelhecimento; Idadismo, Livro-reportagem; ILPI.

ABSTRACT

The book-report "The Challenges of Aging: Reality Needs to Be Planned" is an experimental project produced as a thesis for the completion of a Bachelor's degree in Social Communication - Journalism from the Federal University of Viçosa (UFV). The product addresses the issue of population aging, its challenges, and the deep-rooted prejudice against old age, which subtly occurs and is a detriment to society. This work also explores the issue of neglecting our elderly, the realities of long-term care institutions for the elderly, formerly known as nursing homes, and the challenges involved in ensuring a dignified and respectful aging process.

Keywords: Aging; Ageism, Book-report; ILPI.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Envelhecimento	10
2.2 Idadismo	11
2.3 Instituição de Longa Permanência Para Idosos	13
2.4 <i>New-Journalism</i> e Jornalismo Interpretativo	15
2.5 Livro Reportagem	17
3 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO	21
3.1. Pré-Produção	21
3.2. Produção	23
3.3. Pós-Produção	24
3.3.1. Orçamento	24
3.3.2. Materiais	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Até décadas atrás, chegar à velhice e viver essa fase da vida, não fazia parte do imaginário e da construção de vida de milhares de pessoas. Com as diversas transformações sociais, conquistadas ao longo da história e descobertas na área da saúde, propiciando assim, uma melhor qualidade de vida e tratamentos voltados à saúde.

Ao longo das décadas, ocorreu um aumento progressivo na expectativa de vida da população, resultando em uma maior longevidade para os indivíduos. Esse fenômeno é resultado de avanços científicos, melhorias nas condições de vida, avanços na medicina e uma maior conscientização sobre práticas saudáveis. Por meio dessas conquistas, atualmente, tem-se um aumento significativo na população idosa, com muitos indivíduos alcançando idades avançadas, como 80, 90 anos e além.

Apesar dessa importante realização, a sociedade ainda não está preparada para o seu próprio envelhecimento. Trazendo para a realidade brasileira, no que tangencia um contexto social, em que a velhice, apesar de ser presente e crescente, configura o Brasil entre as cinco nações com maior população idosa do mundo, ainda não há preparo e garantia de direitos para essa grande parcela da população.

A escolha de produção de um livro-reportagem sobre a questão da velhice, vem ao encontro a falta desse tipo de material. Nota-se escassa produção de conteúdo relacionado ao tema no mercado, sendo necessário tratar e discutir sobre essa questão, pois caminhamos para um rápido e crescente processo de envelhecimento.

Em contraposição desse cenário, nota-se ainda, que não existe preparo, tanto por parte do Estado quanto da população no enfrentamento e na busca de oportunidades para que se tenha uma velhice plena e digna.

Cabe aqui ressaltar, que a população idosa, é uma das grandes vítimas de preconceito e de diversos crimes. Sendo: o preconceito em função da idade, das limitações impostas pela idade, vítimas de violências e, ainda, infelizmente não tem seus direitos garantidos e efetivados, por parte do Estado.

Aos poucos o termo idadismo tem sido difundido na sociedade, que seria o preconceito em função da idade, esse cenário não é de exclusividade dos mais velhos. O idadismo vai de encontro a todas as idades, começando pela infância, mas em relação à população idosa, tende a ser mais contundente e violento contra essa parcela da sociedade.

A expectativa, é que dentro de poucos anos, a população idosa brasileira irá superar o

número de crianças e adolescentes no Brasil. Sendo assim, espera-se mais velhos do que crianças pelas cidades, escancarando a urgência de se preparar para ser uma das nações mais longevas.

As projeções apontam que, em 2030, o número de pessoas idosas superará o de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos em aproximadamente 2,28 milhões. Em 2050, a população idosa representará cerca de 30% da população brasileira; enquanto as crianças e os adolescentes, 14% (BRASIL. Ministério da Saúde, 2022, p.4).

Dadas as circunstâncias do crescimento da população, é necessário e urgente, que a sociedade se movimente e saia do estado de inércia, na busca de comunidades acessíveis e preparadas para o seu próprio envelhecimento.

Nos dias atuais, as cidades que não estão preparadas e não são acessíveis não só no quesito de mobilidade. Entretanto, no que constitui a questão da saúde, na área social, na cultura e no lazer e em tantas outras políticas necessárias e básicas, que tem o simples dever de garantir cidadania e acesso aos seus usuários.

É papel do jornalismo dar voz e vez para as questões e fatos, que de alguma forma, afetam a sociedade e comunidade na qual está inserido. Seguindo neste propósito, o presente trabalho de conclusão de curso busca discutir e trazer luz sobre a questão do envelhecimento, da falta de implementação de políticas públicas e o cenário, ao qual uma das populações que mais envelhece no mundo, tende a estar inserida no Brasil.

Adicionalmente, o papel do jornalismo e do jornalista é de trabalhar com a verdade e com questões que ainda não são de conhecimento e estão bem esclarecidas para a sociedade. E através do livro-reportagem tem-se a possibilidade de profundidade e maior espaço para discussão de determinado assunto. O jornalismo diário, pautado pelos conglomerados de comunicação, infelizmente não são possuidores de grandes espaços, seja medido através de medidas de metragem ou de tempo.

Sendo assim, o gênero livro reportagem vem ao encontro a falta de espaço, para que se discuta questões necessárias e pertinentes à sociedade. Pois através deste meio, pode-se experimentar a liberdade na escrita, com linguagem leve e de fácil entendimento e compreensão, por quem a ele terá acesso. Com essa narrativa, é possível experimentar e ousar, seja na forma da escrita escolhida ou do tema a ser abordado. Valendo-se desta questão, aqui temos a proposta de discutir o envelhecimento e o nosso próprio futuro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2. 1 Envelhecimento

O envelhecimento é uma realidade na sociedade brasileira, décadas atrás, eram raros os casos de pessoas que conseguiam transpor a casa dos 60 anos e chegar à terceira idade. Em 2010, as pessoas idosas representavam 11,3% da população total, em menos de 10 anos, (2021), 14,7% dos brasileiros eram idosos. Atualmente, a população idosa constitui-se 31,23 milhões de pessoas (2023), representando um número significativo quando comparado com a 2012, que indica 22,34 milhões de pessoas idosas (IBGE, 2012).

De acordo com matéria publicada pela Agência Brasil, o número de idosos aumentou 39,8% nos últimos nove anos, quando se iniciou a série histórica da Pnad Contínua, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

A Organização Mundial da Saúde define que em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, a pessoa idosa é toda aquela que completa 60 anos; já para países desenvolvidos, a OMS declara 65 anos para se poder ser considerado idoso.

Para Santos (1994), o envelhecimento é um processo natural, sendo contínuo e inerente à vontade individual, pois faz parte da biologia do ser humano, se desenvolver para envelhecer e, por fim, vir a falecer, sendo a morte a última fase da vida humana. A diferença é que o homem é o único capaz de traçar seu caminho, tendo plena consciência do seu processo de envelhecimento.

O envelhecimento humano é, antes de tudo, um processo biológico, logo, natural e universal. O homem, como os outros animais, passa por um contínuo processo de desenvolvimento que o leva necessariamente à velhice e à morte. No entanto, ele se diferencia dos outros animais por uma série de características, entre as quais pode-se destacar o fato de que ele é ao mesmo tempo produtor e produto de uma sociedade, de uma cultura e que tem a consciência de si enquanto ser finito, isto é, ele tem consciência de seu processo de envelhecimento e de sua própria morte (SANTOS, 1994, p. 123).

Conforme apresenta a autora aludida, compreende-se que todas as fases da vida, pelas quais temos a possibilidade de viver. Envelhecer apesar de ser um processo biológico é também, uma construção social, pois é de nossa responsabilidade buscar meios e formas para que se possa transpor todas as fases até a velhice. Chegar aos 60+ é a junção é resultado de todas as escolhas e oportunidades aos quais nos permitimos e, claro, da imposição da sociedade a qual se está inserido.

Além do processo natural do corpo humano, chegar à velhice e nela viver, é um desafio, pois estamos inseridos numa sociedade, onde há imposição de padrões e valores a serem seguidos. No que constitui às pessoas idosas, a problemática é maior, pois além da

redução concreta de “suas capacidades físicas, da possibilidade de doenças, do aumento da probabilidade de perdas de pessoas afetivamente ligadas ao sujeito - sobretudo seus pares - eles são obrigados a enfrentar o estigma social da velhice, a representação negativa do sujeito velho” (SANTOS, 1994, p. 126).

2. 2 Idadismo

Na atual conjuntura, vive-se em sociedade, que de acordo com a sua construção não aceitam determinados grupos sociais. Existindo preconceitos em função de raça/cor, orientação sexual, classe social, preconceito de gênero e tantos outros, que de alguma forma buscam impedir que estes convivam plenamente na sociedade a qual estão inseridos. Especificamente, em detrimento da idade, isso ocorre de forma angustiante em distintas faixas etárias.

Uma questão muito importante, que não tem sua merecida importância, é pensar no envelhecimento prospectivo e se preparar para gozar de uma velhice plena e digna. Há uma escassez de diálogos, lutas e movimentos para garantir todos os direitos da pessoa idosa. Direitos estes, que valem para todas as gerações, pois se garantimos os direitos às pessoas idosas, as demais idades serão beneficiadas, sendo questões básicas como: educação, infraestrutura, saúde, trabalho e lazer.

Ao proferir sobre as políticas públicas no Brasil, logo se relaciona no assistencialismo, principalmente o social, ligado à benevolência e como questão de “favores” para os menos favorecidos. E pensar assim, é inoportuno, pois ao oferecer apenas assistencialismo, as pessoas têm acesso ao básico, que Estado e sociedade estão acostumados a dar a aqueles que necessitam.

O idadismo é um preconceito velado, que não se mostra de forma evidente ou conforme os padrões de discriminação que se presencia ou vivencia na sociedade. O idadismo difere dos demais, não sendo comum suas vítimas serem violentadas fisicamente ou terem suas vidas colocadas em perigo através de ataques. Em suma o idadismo pode ser identificado através de políticas, como traz um relatório da Organização Mundial da Saúde. “Com relação ao idadismo, a discriminação está relacionada aos comportamentos -incluindo ações, práticas e políticas - que são dirigidas às pessoas com base na idade que têm” (PAHO, 2022, p. 4).

Esse tipo de preconceito existe há séculos, mas nunca foi tratado com sua devida importância, pois ele é mais dirigido contra crianças, adolescentes e os velhos, a depender da sociedade, a qual suas vítimas estão inseridas. Com a pandemia da Covid-19, em algumas

sociedades (países) o idadismo se mostrou mais evidente, principalmente contra a população idosa. Sendo necessário a OMS lançar um relatório sobre esta questão e evidenciar, que em muitos países, não existe um termo específico para tratar sobre essa dura e difícil realidade. Podendo ainda ser identificado por estarismo¹ ou ageismo².

Apesar de o idadismo existir há séculos, em todos os países, contextos e culturas, o conceito é relativamente novo e ainda não existe em todos os idiomas. Isto pode dificultar a conscientização sobre esse fenômeno social e a promoção de mudanças. Os idiomas que carecem de um termo específico para o idadismo tendem a usar um termo substituto, como Altersdiskriminierung, no alemão, que capta apenas a dimensão da discriminação.¹

Outros idiomas que têm um termo específico, como o espanhol (edadismo ou edaismo) e o francês (âgisme), só agora estão começando a usá-lo mais amplamente. Identificar um termo para o idadismo em todos os idiomas seria uma maneira de começar a conscientizar e promover mudanças em todos os países. Apesar de o idadismo incluir todo e qualquer estereótipo, preconceito e discriminação com base na idade, outros termos também têm sido usados para indicar o idadismo contra crianças e jovens, inclusive os conceitos de adultismo (4-6) e criancismo (7, 8). (PAHO, 2022, p. 21).

Para com a população idosa, o idadismo se mostra mais feroz e doloroso, pois estas são negadas na sociedade. Tendo suas limitações impostas pela idade, como principal fonte de ataque e desculpas a serem violentadas. Conforme escreve no site da OAB Pará a Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa da OAB De acordo com Leticia Martins Bitar de Moraes, “atualmente, vivencia-se um negacionismo desmedido contra as pessoas mais velhas, onde jovens são avaliados em uma condição mais favorável ao contrário dos idosos que, frequentemente, são considerados como mais vagarosos, esquecidos, doentes e teimosos.” (DE MORAES, 2021, s.p).

Com a pandemia da Covid-19, no ano de 2020, notou-se maior número de denúncias, através do Disque 100. Onde milhares de pessoas, alertaram que diversas pessoas idosas, estavam de alguma forma sendo vítimas de violências e preconceito. O grupo de pessoas idosas, de acordo com relatórios, só não é mais vítima de violências do que crianças e adolescentes.

Verifica-se, no cotidiano, tais práticas cada vez mais comuns. Porém, não devemos aceitar como um comportamento natural das pessoas. De outro modo, no ano de 2020, decorrente da pandemia da COVID-19, o Disque 100 registrou um aumento nas denúncias de violência contra a pessoa idosa, sendo considerada a segunda parcela da população mais vulnerável à violência, atrás apenas das crianças e adolescentes. As denúncias de violações contra esse grupo representam 30% do total

¹ Etarismo é o conjunto de estereótipos, discriminação e preconceito, direcionados às pessoas, em função da idade que possuem.

² O termo ageismo, assim como os termos idadismo e estarismo, são nomenclaturas utilizadas para expressar preconceito e discriminação em função da idade do ser humano. A nomenclatura é a tradução da palavra *ageism*, criada em 1969 pelo médico e gerontologista Robert Neil Butler, de origem norte-americana.

recebido pelo Disque 100 em 2019. Foram contabilizados 48,5 mil registros referentes ao grupo até o mês de junho de 2020. (DE MORAES. 2021, s.p).

O idadismo é um preconceito contra todas as fases da vida, sendo mais fácil de observar contra os mais jovens e os mais velhos. Com a velhice, o preconceito se torna pior, pois através de questões sutis e quase imperceptíveis, muitos idosos têm seus direitos negados e colocados em risco, pois a sociedade não está preparada para o seu próprio envelhecimento.

2.3 Instituição de Longa Permanência Para Idosos

Em artigo publicado na Revista Oikos: Família e Sociedade em debate da Universidade Federal de Viçosa, os autores discorrem sobre o “Contexto sócio histórico em que surgem e evoluem as políticas de proteção à pessoa idosa no Brasil: da caridade ao direito a ILPI”.

Abordando as possíveis questões do surgimento das instituições de longa permanência no Brasil, não é possível afirmar onde e qual a primeira instituição do tipo a ser lançada no país. A evidência científica é que a primeira instituição foi lançada na cidade do Rio de Janeiro e à época, eram conhecidas como asilos.

De acordo com Christophe e Camarano (2010, p. 36) e Born (2005, s/p), o primeiro asilo idoso no Brasil foi fundado no Rio de Janeiro, no ano de 1782, pela Ordem 3ª da Imaculada Conceição e tinha capacidade para trinta leitos.

Porém, segundo Filizzola (1972, p.27), autor do livro “A velhice no Brasil”, a primeira instituição para velhos do País foi a “Casa dos Inválidos”, construída em 1794, no centro da Cidade do Rio de Janeiro. Inspirado na obra de Luiz XIV, que havia erguido em Paris o Hotel des Invalides, destinado aos heróis das campanhas francesas.

O conde de Resende, Vice-Rei, defendeu a ideia de construir a mencionada instituição, que se destinava a acolher soldados com idade avançada, vindos de Portugal, e que se encontravam cansados dos serviços prestados à pátria, nessa condição, se faziam dignos de uma casa para descansar da velhice (ALCÂNTARA, 2004, p. 149).

Com a vinda da corte, em 1808, para o Rio de Janeiro, D. João determinou que esta instituição passasse a moradia de seu médico particular, sendo os inválidos transferidos para casa de misericórdia. (FABRÍCIO; SARAIVA; FEITOSA, 2018, P. 262).

O surgimento dos asilos no Brasil fazia-se mais pela questão higienista, com o único objetivo de “limpar” as cidades, daqueles indesejados. “A partir de 1850, a investida social sobre a população de rua se acentua. No Rio de Janeiro, em agosto de 1854, fundava-se o “Asilo de Mendicidade”, conhecido como “albergaria”, destinado a receber e dar agasalho a

todos os mendigos, entre eles, muitos eram velhos, encontrados na rua, na frente de Igrejas e praças. Os mendigos ganhavam, assim, uma instituição especial, cujo fim era recolher e realizar uma certa triagem sobre a população indigente, separando doentes e inválidos de delinquentes” (FABRÍCIO; SARAIVA; FEITOSA, 2018, p. 263).

Durante pesquisas para a construção desse material aqui proposto, diversas pesquisas foram realizadas no sentido de buscar uma definição de ILPI, junto a área da assistência social da União, não sendo possível localizar uma simples explicação do que se trata estes locais. A única definição disponível em site oficial da união brasileira é através da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, onde se define:

“As ILPIs são instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar e em condições de liberdade, dignidade e cidadania”, (Brasil, 2021, online). Por meio de um documento, a RDC Nº 502, de 27 de maio de 2021, estabelece critérios e padrões mínimos para funcionamento das instituições de longa permanência no país.

O número total desse tipo de instituição é incerto na sociedade brasileira. Não há uma base de dados do Governo Brasileiro, um cadastro fidedigno apontando a quantidade e distribuição de ILPI no país. Entre os anos de 2007 a 2010 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada liderou uma pesquisa, a qual, tinha como objetivo mapear e conhecer esse tipo de instituição.

A coleta de dados começou em 2007 e terminou no início de 2010. As regiões foram pesquisadas separadamente. A primeira foi a Norte, em seguida o Centro-Oeste, o Sul, o Nordeste e, por fim, o Sudeste. O primeiro passo foi montar o cadastro de instituições, pois até então não se conhecia o número de instituições. A partir do cadastro elaborado, deu-se início à aplicação dos questionários. Este trabalho foi realizado por meio de correio, e-mail, fax e telefone, de acordo com a disponibilidade dos dirigentes ou responsáveis pelas instituições. Foram identificadas 3.548 instituições no território brasileiro, das quais 3.294 responderam à pesquisa. (CAMARANO et al. 2011. P. 2).

Na percepção da maioria dos idosos viver a terceira idade é um processo complexo, pois muitas vezes, há um desamparo ou até mesmo uma negligência por parte da família e, até mesmo, do Estado. Restando-lhes apenas, a busca ou até mesmo a internação contra a sua vontade em instituições de longa permanência. Asilos e lares de idosos são vistos como “depósitos” de idosos que não podem mais contar com o apoio e amor de familiares. Todavia, esse conceito tem se desintegrado nas últimas décadas.

Essa percepção, cheia de estigmas e preconceitos, vem, aos poucos, sendo questionada, e já podemos pensar em outro perfil de residentes nas ILPIs. Ou seja, aqueles que, embora possuam família, preferem viver em uma instituição para idosos, alegando motivos variados, como: ser viúvo, não ter filhos, preferir ser independente, em lugar de incomodar filhos e netos; não conseguir bom entendimento com empregados, no papel de cuidadores informais; temer maus-tratos familiares, entre outros. (FREITAS; NORONHA, 2010, p 360).

Em tempos atuais chegar à terceira idade tendo uma vida ativa, trabalhando e em plenas faculdades mentais é uma realidade. Entretanto, a sociedade ainda não assimilou plenamente essa realidade e tem feito pouco esforço para garantir qualidade de vida, acessibilidade e autonomia para aqueles que já ultrapassaram os 60 anos.

Durante muito tempo pensou-se na velhice como uma fase de dependência, em que o indivíduo sempre deve esperar por outra pessoa para realizar suas atividades cotidianas, como se ser idoso fosse sinônimo de ser incapaz. (FREITAS; NORONHA, 2010, p. 363).

Na obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho*, a autora Ecléa Bosi, destaca que: “O velho é alguém que se retrai do seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo” (BOSI, 2009, p.83).

O recolhimento de pessoas idosas em clínicas geriátricas ou instituições filantrópicas evidencia a afirmativa de Ecléa Bosi, pois, ao optarem por se internarem ou serem obrigados pelos familiares, a pessoa idosa tende a ser afastada da sociedade e dos seus vínculos sociais e afetivos. O afastamento gera na pessoa, o sentimento de que ela não serve mais para nada, e de que se tornou um fardo para sua família, que não dispõe de condições e tempo a seu favor.

A autora destaca os anseios da sociedade, para com aqueles que já chegaram à terceira idade. E, estes são cobrados a todo o momento para que não cometam falhas, pois os idosos sabem que ao cometerem falhas eles serão julgados por seus familiares e pela sociedade. E naquele momento, tem início o seu processo de afastamento e privações de atividades e momentos cotidianos.

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. (BOSI, 2006, p.76).

Frequentemente, é observado na sociedade que os idosos não cometam erros, sendo-lhes exigida uma tolerância infinita, paciência e abnegação em relação à família. Qualquer demonstração de raiva, esquecimento ou fraqueza pode resultar em seu banimento do convívio familiar. Essa realidade evidencia a necessidade de reflexão e mudança em

relação à forma de tratar e valorizar os idosos em nossa sociedade.

2.4 New-Journalism e Jornalismo Interpretativo

O *New Journalism* foi um movimento iniciado nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, onde escritores buscaram formas de romper com as normas jornalísticas da época. Deixando de lado a forma de escrita a qual estavam acostumados e buscando incorporar em seus textos o gênero literário.

Nos anos 1960 e 1970 diversos autores estadunidenses passaram a quebrar as normas jornalísticas que predominavam nas redações dos veículos impressos para utilizar recursos da literatura e da ficção em suas reportagens. Esses jornalistas passaram a praticar um estilo que ficou conhecido como New Journalism. Até hoje os autores desse período influenciam aqueles que se aventuram pelas possibilidades do jornalismo literário. (RITTER. 2018. p. 21)

Conforme Oliveira e Bernd, (2021). para se ter essa técnica nos trabalhos é necessário mergulhar no tema a ser trabalhado e abordado, pois de certa forma “esse gênero pede uma forma diferenciada de fazer jornalismo, com novas abordagens do profissional”: É preciso que ele saia a campo por mais tempo, nos ambientes em que os fatos sobre os quais ele escreveria aconteceram.

As matérias permitem ao jornalista a possibilidade de entrevistas diferentes das convencionais, com fontes oficiais: pessoas que estiveram envolvidas no acontecimento, seja de forma direta ou indireta, são procuradas para dar sua versão dos fatos, possibilitando também, dessa forma, o cruzamento de informações. A captação desses dados e entrevistas com suas personagens, demanda um tempo maior de trabalho de campo. “O jornalismo precisa de um contato com o universo que cerca o fato, podendo o jornalista se dedicar por semanas e até meses a um só assunto. No caso do livro-reportagem, os profissionais dedicam anos a esse trabalho”. (OLIVEIRA; BERND, 2021. p. 7).

A produção de livro reportagem tem ganhado ênfase no mercado, oferecendo uma vasta variedade de temas a serem explorados nesse tipo de obra. No entanto, essa forma de produção apresenta desafios significativos para os jornalistas, uma vez que requer um profundo conhecimento sobre o assunto abordado e a necessidade de contar com o apoio de personagens e fontes experientes e reconhecidas. Somente dessa forma é possível estabelecer a confiança do público e garantir a qualidade e credibilidade do trabalho realizado.

Ao longo do tempo, esse formato tem conquistado um respeitável reconhecimento

tanto por parte dos jornalistas quanto dos leitores, resultando em um crescimento significativo no mercado editorial. A diversidade de temas abordados é ampla, englobando desde relatos de feitos esportivos até narrativas históricas e os bastidores da política, além de livros que apresentam entrevistas e depoimentos relevantes. No entanto, escrever um “livro-reportagem também é estar à frente de desafios, como o desafio de relatar em profundidade, encontrar personagens interessantes e conquistar a confiança do entrevistado”. (Patrocínio; Matiazzi, 2021. p. 3).

As autoras (CORDENONSSI e MELO. 2008), citam que para que leitor/consumidor dos produtos jornalísticos compreenda o que lhe está sendo oferecido, é necessário que a ele seja oferecido contexto e o maior aparato de informação para que possa ser compreendido e assimilado o assunto tratado no produto jornalístico. Por isso, a escolha do gênero jornalismo interpretativo na construção do livro reportagem.

Por isso, para que a interpretação por parte do leitor possa ocorrer é necessário que ele compreenda a realidade do fato em toda sua extensão, o que inclui as circunstâncias subjacentes históricas, geográficas, antropológicas, filosóficas, entre outras, bem como os relatos que refletem a leitura que os indivíduos fazem de sua própria realidade, sejam eles especialistas ou simples cidadãos. Para tanto, a produção jornalística não pode prescindir do compromisso com a coletividade. (CORDENONSSI; MELO. 2008. p.2)

Verifica-se que o livro reportagem tem instigado mercado a utilizar desse formato, todavia, apesar englobar uma série de temas, ainda possui desafios como atrair leitores e identificar personagens cativante. É crucial fornecer contexto e informações abrangentes para permitir uma compreensão completa da realidade abordada, mantendo um compromisso com o bem-estar coletivo na prática jornalística.

2.5 Livro Reportagem

No cotidiano há o hábito de acessar a notícias e reportagens, pois na grande maioria dos casos, jornalistas dispõe de pouco espaço para construção de seus trabalhos noticiosos, sejam nos meios impressos, audiovisuais e até na internet. Não sendo possível, trabalhar em profundidade determinado assunto de interesse da sociedade.

Para suprir a ausência de espaço nasce a categoria de livro reportagem, onde os profissionais do jornalismo podem trabalhar assuntos de interesse próprio e da sociedade com profundidade e maior espaço disponível. Conforme Patrocínio; Matiazzi, (2021. p. 2), enquanto o jornalismo tem como objetivo foco central informar o público sobre eventos atuais, o livro-reportagem se destaca ao ofertar uma abordagem mais aprofundada e

detalhada, permitindo um envolvimento mais completo com a narrativa. “Ao detalhar cuidadosamente uma situação, o veículo de comunicação não periódico consegue prolongar a existência dos acontecimentos e revelar ao leitor o alcance do tema”.

O surgimento do jornalismo e, principalmente do jornal impresso, primeiro meio de comunicação de massa, podemos aqui afirmar que existe uma associação primária com a literatura, pois à época, ainda não existiam profissionais do jornalismo e as publicações nos jornais eram redigidas por escritores. E conforme as autoras, jornalismo e literatura tem alguns pontos em comum.

Não há como falar em jornalismo sem fazer associação à literatura, pois já nos primeiros jornais, por não existir profissionais específicos da área da Comunicação Social, eram os escritores os responsáveis pelo conteúdo divulgado. Com tal proximidade, a literatura também sofreu influência do jornalismo. Ambas as áreas incorporaram elementos uma da outra para repassar a sua mensagem. A literatura e o jornalismo trazem como ponto em comum, que permite a comparação entre os dois gêneros, a representação social do meio em que estão inseridos. Por meio da manifestação textual, é possível descrever uma época ou uma localidade, comportamentos, costumes e linguagens. Porém, é no momento da produção textual e na utilização desses recursos que é possível delimitar traços de cada área. (OLIVEIRA; BERND, 2021. p. 2).

O livro com sua presença na história do jornalismo não é recente, conforme destaca as autoras. “A presença do livro no universo do jornalismo persiste pelo decorrer dos anos. Ainda na primeira metade do século XVIII, o jornalista e escritor inglês D. Defoe escreveu o romance “As aventuras de Robinson Crusoe”⁴. No século XIX, o francês H. Balzac contribuiu para o jornalismo”. (ROCHA; XAVIER. 2013. p. 143).

Essa obra pode ser reconhecida o livro reportagem, pois para este fim, deve-se primordialmente trabalhar em cima de casos reais, mas sempre sendo possível que a literatura esteja presente, como forma de enriquecimento da obra.

A utilização do livro como suporte para o jornalismo não é atual, mas nem todo livro corresponde a não-ficção. Considera-se “um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias”. (ROCHA; XAVIER. 2013. p. 144).

O assunto proposto no livro reportagem, trata do envelhecimento da população, seu contexto histórico, desafios, e a questão do abandono e de como deve-se agir para garantir que se tenha uma velhice saudável e digna. A escolha de se propor um livro como forma de materializar esse assunto, foi a melhor escolha, pois permite que se trabalhe toda a questão do

envelhecimento, através de dados concretos e a participação de personagens, sendo estes pesquisadores e autoridades no que tange o envelhecimento.

Para elaborar uma grande reportagem é necessário, primeiro, encontrar um bom tema, ter um bom enfoque. Depois é preciso ter abordagens humanas sobre questões sociais. Os textos precisam ser profundos e analíticos, envolvendo o leitor com o acontecimento. O fato principal, no Jornalismo, é a descoberta da realidade por meio de histórias de vida, e o papel do jornalista deve ser o de oferecer o contexto da informação. O jornalista deve refletir sobre sua responsabilidade social, uma vez que seu trabalho bem realizado amplia o conhecimento da população e permite mudar a realidade. (SANTOS; DE OLIVEIRA. 2003. p 4).

Com a popularização da internet e seu acesso, no início dos anos 2000, de certa forma o jornalismo impresso foi perdendo referência no quesito *factual*. Com o passar dos anos e surgimento de diversos portais de notícias, com a agilidade e acesso instantâneo a rede mundial de computadores, a notícia passou a ser publicada e levada aos leitores, quase que imediatamente, após os acontecimentos. Na internet, muitas das vezes, a informação disponibilizada tende a ser rasa, sem profundidade nos assuntos, pois a necessidade de rapidez nas publicações, de certa forma impedem que o jornalista possa trabalhar mais detalhes sobre o fato.

Ao jornalismo impresso cabe se atentar mais aos fatos e levar ao seu leitor aquilo que não foi publicado no on-line, uma destes meios é o livro reportagem. As autoras levantam a questão do ensino de jornalismo nas faculdades e escolas de comunicação, espaço ao qual os estudantes devem ser levados a experimentar e aguçar a criatividade, tendo na academia um espaço para se descobrir e se aventurar na comunicação.

Muito se tem discutido, nesse início de século, qual é o caminho para o Jornalismo, especialmente o impresso. As necessidades imediatas de informação – notícias – ficam cada vez mais a cargo dos meios eletrônicos, especialmente a Internet, e o jornalismo impresso procura novos espaços para aprofundar a leitura dessas informações. Um desses espaços são os livros-reportagem, ou seja, publicações editoriais de grandes reportagens que aprofundam as questões cotidianas narradas em estilo literário, visando atingir um leitor ávido de informações que procura respostas aprofundadas e interpretações para as questões cotidianas.

As Diretrizes Curriculares de Jornalismo aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC), em 2001, definem que o aluno de Jornalismo deve desenvolver a capacidade de reflexão para analisar os padrões e práticas jornalísticas, exercitando sua capacidade criativa no sentido de experimentar novas linguagens e produtos de comunicação. Cabe à escola também discutir questões socioculturais e políticas com ensinamentos sobre novas tecnologias aplicadas à linguagem jornalística, criando condições para que o aluno exercite sua capacidade criativa, no sentido de experimentar novas linguagens e produtos de comunicação. Assim, busca-se um egresso dos cursos de Jornalismo que tenha a capacidade de compreender os

mecanismos envolvidos no processo de recepção de mensagens e seu impacto sobre os diversos setores sociais.(SANTOS; DE OLIVEIRA.2003. P 3 e 4).

As autoras tratam ainda que a possibilidade de criação e construção de um livro reportagem, ainda durante a formação do estudante de jornalismo é de suma importância, pois há a possibilidade de relatos de experiência por parte do aluno, o papel apoiador dos professores e, sobretudo, a possibilidade de se oferecer produtos, contribuindo assim, para que a sociedade tenha acesso a trabalhos sobre as mazelas da sociedade.

Assim, torna-se primordial resgatar essas experiências, realizadas ainda no meio acadêmico, que, por vezes, superam vivências da trajetória profissional, especialmente quando centra, na produção de livros-reportagem por estudantes em projetos nesse formato, a diversidade temática, a profundidade da investigação, “o papel dos orientadores, o relato da experiência vivenciada pelos autores e a contribuição para a sociedade nas abordagens de questões sociais como a pobreza, a desigualdade e o desenvolvimento humano e social”. (SANTOS; DE OLIVEIRA. 2003. p 4).

3 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

3.1. Pré-Produção

O início deste trabalho iniciou-se no primeiro semestre do ano de 2019, durante a disciplina de *Metodologia da Pesquisa em Comunicação*, ministrada à época pelo professor Ricardo Duarte Silva. Naquele momento, pretendia-se a produção de um vídeo documentário biográfico sobre a vida de onze pessoas idosas, que residiam na ILPI Lar dos Velhinhos, em Viçosa/MG.

Após aprovação da proposta, iniciou-se as gravações em vídeo com alguns idosos, no total quatro pessoas idosas concederam entrevistas, mas em 2020 com a decretação da pandemia da Covid-19 foi necessário cessar as gravações, pois os idosos representavam um dos grupos mais vulneráveis e frágeis à pandemia.

Por trabalhar em uma ILPI e com o cenário criado pela pandemia da Covid-19, fui sendo inserido nas questões, discussões e lutas em prol da pessoa idosa, principalmente daqueles que vivem em uma instituição. Aos poucos, fui entendendo a questão do envelhecimento no Brasil e me voltando ainda mais para a luta em prol de pessoas idosas institucionalizadas.

Em reuniões de orientação com o professor Ricardo Duarte Silva, realizadas através de plataformas digitais, chegou-se à conclusão de que as gravações para um vídeo documentário não seriam mais viáveis, pois os idosos estavam em uma instituição e as gravações de alguma forma, poderiam colocá-los em risco e exposição ao vírus da Covid-19. Cabe ainda dizer, que a construção de material biográfico sobre idosos institucionalizados seria um material que não traria tantas possibilidades de abertura de temas sobre a questão do envelhecimento, sobretudo do envelhecimento dentro de uma instituição de longa permanência e, talvez, não seria o suficiente para que o aluno pudesse trazer o seu olhar e suas vivências em relação ao processo de envelhecimento.

Foi sugerido a criação de um livro reportagem para tratar da questão das ILPI e também, contar a história de vida de cinco idosos residentes no Lar dos Velhinhos da cidade de Viçosa, aproveitando assim, material já gravado e que seria utilizado para compor o livro.

Com o passar dos meses e da pandemia e por trabalhar dentro da instituição de onde eu teria minhas fontes para a construção deste, fui observando e sendo provocado a entender a real situação destes locais e o porquê de muitos idosos, terem uma ILPI para viverem suas velhices.

Já em 2022 retomamos a construção deste trabalho mudando seu enfoque. A proposta naquele momento era de construir um livro reportagem abordando a questão do envelhecimento, a situação das instituições de longa permanência e a realidade do envelhecimento no Brasil.

As fontes a serem entrevistadas, seriam pessoas e autoridades brasileiras, que trabalham e atuam em favor do envelhecimento. Estas foram escolhidas a partir de conhecimentos do estudante, pois em seu trabalho na ILPI e devido a pandemia da Covid-19 obteve contato com estas, através de palestras, treinamentos e lives em prol das ILPI, principalmente no estado de Minas Gerais.

□ A primeira fonte foi a Natália de Cássia Horta, professora universitária do curso de enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pesquisadora e enfermeira. A entrevista foi realizada através da plataforma Google Meet, na manhã do dia 20 de outubro de 2022, com duração de pouco mais de 31 minutos. Natália é membro da Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI e membro do projeto PUC no Lar da PUC Minas.

□ A segunda fonte a ser entrevistada foi a médica geriatrica e pesquisadora Karla Giacomini, a qual faz parte da Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI, tendo ocorrido no dia 08 de novembro de 2022, através da plataforma Google Meet. A conversa teve duração de poucos mais de 45 minutos, tendo sido agendada previamente através de contatos pelo WhatsApp.

□ Luís Cláudio Magalhães Fonseca, promotor de justiça do Ministério Público de Minas Gerais, é titular da Primeira Promotoria de Viçosa atuando nas áreas de saúde e pessoa idosa. A entrevista foi a única no formato presencial, ocorrendo na Sede das Promotorias da Comarca de Viçosa. A conversa foi realizada no dia 27 de janeiro de 2023, com duração de pouco mais de 34 minutos.

□ A quarta e última entrevista que compõe o livro reportagem foi realizada no dia 12 de junho de 2023, através da plataforma Google Meet. Com Andréia Queiroz Ribeiro, professora do Departamento de Nutrição e Saúde da Universidade Federal de Viçosa, membro da Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI e do Grupo de Estudos e Práticas sobre Envelhecimento, Nutrição e Saúde da Universidade Federal de Viçosa. a conversa teve duração de pouco mais de uma hora e trinta e seis minutos.

Todas as entrevistas com especialistas, com exceção do promotor de justiça, foram realizadas e gravadas via ferramenta Google Meet. As especialistas Karla Giacomini e Natália de Cássia Horta residem na cidade de Belo Horizonte, onde trabalham e atuam nas suas

respectivas áreas. A gravação com a professora Andréia Queiroz Ribeiro, também foi realizada através do Google Meet, pois à época, a especialista estava em agenda de estudos em Portugal.

Por outro lado, a entrevista com o promotor de justiça Luís Cláudio Fonseca Magalhães foi realizada nas dependências da Sede das Promotorias da Comarca de Viçosa, em Viçosa/MG, sendo gravada através de áudio com uso de aparelho celular.

Após a realização das entrevistas, foi o momento de decupagem de todas as entrevistas gravadas. Para decupagem da entrevista o aluno utilizou da ferramenta Google Docs, com a possibilidade de a própria ouvir as entrevistas em transcrever o que havia sido gravado. Por se tratar de materiais extensos e com algumas interferências causadas por problemas de conexão com a internet a transcrição estava sendo prejudica.

Em pesquisa na internet, chegou-se ao conhecimento da ferramenta Transkriptor, Inc de origem norte americana, sendo necessário realizar assinatura e com cobrança em dólar, mas sendo necessário, pois a ferramenta possibilitou um melhor aproveitamento do tempo e qualidade das transcrições das gravações.

Logo após a realização dos passos acima citados. Havia ali, o material necessário para o início da escrita do livro reportagem e, posteriormente, do memorial.

3.2. Produção

Com a transcrição desses materiais e após leitura e revisitação das gravações foi possível traçar um plano de escrita do livro reportagem. Até então, tinha-se a ideia de escrever somente sobre a questão do envelhecimento e sobre as instituições de longa permanência, mas como durante todas as entrevistas foram surgindo outros temas, como por exemplo o idadismo, o autor achou por bem e pertinente adotar abordagem do mesmo na escrita do produto final.

Previa-se a construção de um livro com apenas cinco capítulos, mas devido às experiências do autor e a conjuntura desencadeada pela pandemia da Covid-19, o livro cresceu, chegando a oito capítulos, sendo importante discutir sobre envelhecimento, o surgimento das instituições de longa permanência, o preconceito em função da idade, necessitou-se falar sobre a realidade das instituições de longa permanência, da pandemia de covid-19 nestas instituições e, por fim, discutir sobre o envelhecimento que nós teremos daqui para frente.

No primeiro momento, o aluno dedicou-se à escrita do livro reportagem, processo ao

qual teve duração de cerca de dois meses e, posteriormente, a construção do memorial. Através da busca de referencial bibliográfico para embasamento teórico do presente trabalho. Contando com apoio da professora Andréia Queiroz Ribeiro, que realizou a indicação e disponibilização de diversos artigos e materiais, que tratam da questão do envelhecimento, da pandemia de Covid-19 nas ILPI e sobre o idadismo.

Parte da construção do memorial, foi obtido através de revisão de trabalhos anteriores, produzidos em disciplinas do curso de jornalismo, ao qual serviram de base para a construção do mesmo.

3.3. Pós-Produção

Após a escrita do livro reportagem, o aluno partiu para a montagem gráfica do mesmo. Tendo entrado em contato com o técnico gráfico do Departamento de Comunicação da UFV, ao qual teve seus serviços contratados para montagem final e criação do design do livro. As imagens utilizadas na obra são de autoria do aluno e fazem parte da sua vivência dentro da instituição, desde o ano de 2017, início de seu estágio na área de comunicação junto a ILPI de Viçosa. Por acompanhar o dia a dia da instituição, havia um grande acervo, capaz de ilustrar cada capítulo da obra.

Houve ainda, contato com gráfica para disponibilização de orçamento de impressão do material, sendo escolhida uma gráfica local, pois o aluno já havia realizado diversas impressões no local e, também por esta ter histórico e experiência em impressão de trabalhos de estudantes da UFV.

O formato de diagramação e impressão do livro reportagem foi sugerido pelo professor orientador, sendo o formato A5 escolhido, pois é um dos padrões mais difundidos para impressão de livros.

Subsequentemente, os processos de correção, diagramação e impressão dos exemplares, cópias foram enviadas ao Departamento de Comunicação, a banca avaliadora, as fontes ouvidas no livro e também, houve a disponibilização de exemplar para a ILPI de Viçosa.

3.3.1. Orçamento

Descrição	Valor
------------------	--------------

Transporte - aplicativo de corrida Livre	R\$ 30,00
Compra Licença Software - Transkriptor, Inc.	US\$ 19,98
Contratação de serviços de revisão	R\$ 800,00
Contratação de serviços de diagramação	R\$ 400,00
Impressão dos livros	R\$ 250,00
Impressão dos memoriais	R\$ 40,00
Total	R\$ 1.616,05

3.3.2. Materiais

Quantidade	Material
01	<i>Notebook Linha Samsung Expert HD 1 TB</i>
01	Celular Xiaomi Redmi Note 8 - gravação de áudio entrevistas presenciais
Ilimitado	Internet 4G - conexão Notebook e Celular
03	Google Meet - gravação das entrevistas realizadas a distância
01	Bloco de anotações

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades sempre se fizeram presentes no processo de construção do presente trabalho de conclusão do curso. Houve medo e angústia, pois não foi fácil a produção destes materiais, sendo sempre presente, a sensação de insegurança e incapacidade por parte do aluno. Mas aos poucos, os pensamentos foram sendo clareados, possibilitando assim, a construção e finalização desta etapa junto à UFV.

O processo de construção deste trabalho iniciou-se ainda no ano de 2019, com a primeira ideia se contar a história de vida de alguns idosos residentes no Lar dos Velinhos da cidade de Viçosa/MG. Tal ideia foi aos poucos, sendo deixada de lado e com a pandemia da Covid-19, havia a impossibilidade de estar próximo dos idosos, devido ao risco de contaminação pelo vírus.

Com apoio dos docentes Ricardo Duarte Silva do Departamento de Comunicação; e da professora Andréia Queiroz Ribeiro do Departamento de Nutrição e Saúde, ambos da Universidade Federal de Viçosa. Chegou a conclusão, que seria mais viável a construção de livro reportagem, onde seria contada a história do Lar dos Velinhos e a história de vida de alguns idosos residentes no local.

Aos poucos essa ideia foi sendo deixada de lado, pois o aluno se envolveu com a questão do envelhecimento e da realidade das ILPI, principalmente no período pandêmico. Tendo contato com diversos materiais e especialistas, que atuam em defesa do envelhecimento e das próprias instituições de longa permanência.

Estar inserido dentro de um lar de idosos, principalmente no período pandêmico possibilitou ao aluno, despertar para entender a questão do envelhecimento, a dura realidade das instituições de longa permanência para idosos de cunho filantrópico, e sobre a questão do abandono da velhice no Brasil. Acompanhar e estar inserido na questão do abandono de pessoas idosas, fez com que o aluno pudesse buscar uma forma, junto ao jornalismo, de evidenciar essa questão é tratar sobre, como uma forma de alertar e buscar conversar sobre o tema, pois esta realidade pode ser a de muitos de nós.

Por trabalhar numa destas instituições, houve a facilidade de contato com as fontes ouvidas no livro reportagem, pois como já dito, estes de alguma forma fizeram e fazem parte da instituição e da vida do aluno. Principalmente, durante os momentos mais difíceis da Covid-19, onde havia pouquíssimo conhecimento sobre o vírus.

Sendo necessário, buscar apoio de especialistas na área da saúde para se entender o que estava acontecendo e, de como se proteger e aos idosos residentes na instituição. Já no

campo da justiça, o apoio foi de suma importância durante o período, pois além do vírus, enfrentava-se à época um difícil cenário social e político, onde os velhos não eram respeitados e até tratados como questões descartáveis.

Durante o processo de escrita do livro reportagem, houveram muitas dúvidas e medo de não conseguir escrever material tão extenso e, certa forma, denso, pois o assunto não é fácil de se tratar, pois é necessário remontar ao passado da nossa sociedade, tratar da dor ocasionada pelo abandono e talvez, uma das piores, de pensar no nosso próprio envelhecimento e como seremos, se um dia alcançarmos a nossa velhice.

Qual país e sociedade eu espero envelhecer? Essa pergunta pode até parecer simples, mas é de difícil resposta pessoal, pois o nosso futuro será fruto de todas as escolhas e caminhos que traçamos desde a nossa infância.

O pensamento de se um dia conseguir envelhecer, como será, com quem será e se será através do abandono. Pode de alguma forma ser doloroso e frio, pois vivemos e estamos construindo uma sociedade altamente preconceituosa e idadista.

Esta obra tenta trazer a nossa questão e a visão de futuro, que teremos pela frente, ao ser capazes de envelhecer e viver cada vez mais. Precisamos construir uma sociedade mais justa, tolerante e que pense no seu próprio envelhecimento, propiciando assim, que sejam construídas cidades, comunidades e sociedades amigas das pessoas idosas. Sendo mais acolhedoras, acessíveis e cuidadosas com todas as idades, pois o envelhecimento é uma construção social e diária, tendo seu início no nascimento.

Com esse momento, posso concluir a minha etapa de vida junto à UFV, sendo uma das mais fascinantes, repleta de conhecimentos e possibilidades, de dores e sofrimentos, mas sendo a mais importante da vida deste aluno, onde possibilidades foram abertas e criadas e talvez, até um sentido de vida tenha sido criado.

Continuemos no processo de envelhecer, com amor, dignidade, cuidado, respeito, acessibilidade e acessos, na busca e construção de uma sociedade mais justa, pois o que beneficia a velhice é benéfico para todas as idades e pessoas, sendo questões básicas garantidas através da Constituição Federal de 1988. Viva a velhice, viva nossas histórias de vida e que tenhamos uma sociedade cada vez mais justa e digna para todos nós.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Tempo de Lembrar. Memória e Sociedade Lembranças de Velhos**. 13a ed. São Paulo: Schwarcz, 2006, p.71-92.

BRASIL, Ministério da Saúde. **01/10 – Dia Nacional do Idoso e Dia Internacional da Terceira Idade: “A jornada para a igualdade”**. Brasil. SITE. Acesso em 25 de março de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. **Boletim Temático “Saúde do Idoso”**. Outubro de 2022. PDF. Acesso em 20 de junho de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC Nº 502, de 27 de maio de 2021**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-rdc-n-502-de-27-de-maio-de-2021-323003775>
Acesso em 10 de maio de 2023.

CAMARANO, Ana Amélia et al. Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **IPEA**, v. 2, n. 6. 2011.

CORDENONSSI, Ana Maria; MELO, José Marques. Jornalismo interpretativo: os formatos nas revistas Veja e Época. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. **Anais...** São Paulo. 2008.

FABRÍCIO, Tamires Carolina Marques; SARAIVA, Joseana Maria; FEITOSA, Emanuel Saraiva Carvalho. Contexto sócio histórico em que surgem e evoluem as políticas de proteção à pessoa idosa no Brasil: da caridade ao direito a ILPI. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 29, n. 2, p. 259-77, 2018

FREITAS, Adriana Valéria da Silva; NORONHA, Ceci Vilar. Idosos em instituições de longa permanência: falando de cuidado. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, p. 359-369, 2010

MORAES, Leticia Martins Bitar de. **Sabe o que significa idadismo?**. OAB/Pará. SITE. Acesso em: 22 de junho de 2023

OLIVEIRA, Adriana Seibert; BERND, Zilá. Livro-reportagem: um produto cultural a serviço da memória: uma análise da obra Uma Questão de Justiça da jornalista canadense Isabel Vincent. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 21, p. 1-25 e20. 15, 2021

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.; 2022. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

PATROCÍNIO, Lara Mireny Freitas; MATIAZZI, Valmir; VITÓRIA, E. S. As particularidades do livro-reportagem no campo jornalístico. **Anais...** do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL, 2021.

RITTER, Eduardo. Novos jornalistas literários: métodos, técnicas e experimentações. **Comunicação & Informação**, v. 21, n. 1, p. 20-36, 2018.

RODRIGUES, Léo. **Contingente de idosos residentes no Brasil aumenta 39,8% em 9 anos**. Agência Brasil, 2022. SITE. Acesso em: 20 de junho de 2023.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no

campo jornalístico. **RuMoRes**, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Velhice: uma questão psico-social. Temas em Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 123-131, 1994.

.

.